

DOIS TORCEDORES

Marcos Mairton

Moreira e Rogério torciam pelo mesmo time, o Estrela Futebol Clube. Estavam na casa dos quarenta anos de idade e viviam na mesma cidade, mas as suas semelhanças terminavam por aí. Tendo crescido em bairros distantes um do outro, seguiram caminhos bem diferentes, sem saber que o destino daria um jeito de suas histórias se cruzarem mais de uma vez.

Um desses encontros aconteceu quando o Estrela enfrentou o seu principal rival, o Águia Azul, na primeira partida das finais do campeonato estadual de 2007. Quem vencesse precisaria apenas de um empate para ser campeão. Naquele domingo, faltava pouco mais de uma hora para o início do jogo, quando Moreira tomou o táxi para o estádio, onde era aguardado por um grupo de amigos. Mas, ao chegar às arquibancadas, logo percebeu que não valeria a pena procurá-los. O estádio estava praticamente lotado e a partida começaria dentro de instantes, então achou melhor se acomodar em um dos poucos lugares que ainda havia ao seu redor. Enquanto isso, Rogério tinha chegado ao estádio bem mais cedo, acompanhado apenas de seus dois seguranças, como de costume. Mas era como se estivesse sozinho, pois sempre os orientava a serem discretos e se manterem à distância. Quando Moreira perguntou se o lugar ao seu lado estava vago, Rogério sorriu com simpatia e disse:

– Está vago, sim. Pode sentar. Vamos sair daqui hoje com uma mão na taça!

Quem já foi a um jogo de futebol sabe que, torcendo pelo mesmo time, homens que nem se conhecem comportam-se como se fossem velhos amigos. Não era de admirar que, antes dos vinte minutos do primeiro tempo, Moreira e Rogério parecessem ter o hábito de ir juntos ao estádio desde que eram crianças. Reclamavam da arbitragem, discordavam da escalação do time e, à medida que o tempo passava, sofriam, sofriam muito, vendo o placar permanecer em zero a zero, numa tarde em que o Estrela dominava totalmente o jogo. Somente aos trinta e dois minutos do segundo tempo veio o alívio do gol. A torcida do Estrela explodiu em alegria. Moreira e Rogério nada tinham conversado sobre assuntos pessoais ou profissionais, mas pulavam abraçados, como se aquele gol fosse o que havia de mais importante em suas vidas.

Cinco minutos depois, o Estrela marcou o segundo gol e o clima de festa permaneceu até o final da partida, mas, nem tudo foi alegria naquele domingo. Na saída do estádio, os dois amigos despediam-se, quando começou uma briga entre membros das torcidas organizadas dos dois clubes. Assustado, Moreira buscou refúgio em meio aos carros, no estacionamento. Rogério também procurou abrigo. Seus seguranças, que vinham logo atrás, posicionaram-se de forma a protegê-lo e guiá-lo até onde estava estacionado o seu carro. Foi aí que ele segurou o braço de Moreira e o chamou:

– Por aqui, doutor!

Moreira o seguiu. É bem verdade que estranhou um pouco o fato de Rogério o chamar de “doutor”, e que se surpreendeu com a presença dos seguranças, mas, naquele momento, estava mais preocupado em achar um lugar onde se sentisse fora do risco de ser envolvido em uma briga totalmente sem sentido. Esgueirando-se por entre os automóveis, chegaram ao carro de Rogério, uma dessas camionetas luxuosas, de cabine dupla. Entraram nela e, minutos depois, já estavam se afastando do estádio. O carro, guiado por um dos seguranças, seguia o ritmo lento da avenida congestionada. Rogério e Moreira iam no banco de trás, enquanto o segundo segurança ocupava o outro banco da frente. Mais tranquilo, Moreira voltou a pensar sobre a forma como Rogério tinha se dirigido a ele e resolveu esclarecer o assunto:

– Amigo, obrigado por ter me ajudado a sair dali. Eu não sei se você me conhece de algum lugar, mas... Bem, meu nome é Moreira. Muito prazer... – disse estendendo a mão.

– O senhor não está se lembrando de mim, mas eu lhe conheço – respondeu Rogério, correspondendo ao aperto de mão. – O senhor não é o doutor Antonio Carlos Moreira, juiz da 18ª Vara Criminal?

– Sou.

– Então. Nós já estivemos frente a frente, lá mesmo no fórum. Foi em uma audiência...

Apesar de Rogério continuar com a mesma expressão de simpatia do começo daquele encontro, agora falava mais devagar, como se escolhesse bem as palavras antes de pronunciá-las. Moreira escutava, um tanto intrigado, e Rogério prosseguiu:

– O senhor lembra de ter julgado o caso de um assalto ao Banco do Brasil que aconteceu há uns cinco anos, na agência da Praça Presidente Vargas? Que teve até morte dentro da agência...?

– Lembro que em 2003 julguei o caso de um assalto naquela agência. Deu muita mídia, porque a agência fica bem no centro da cidade e, além disso, um assaltante morreu e os outros três foram presos. Se não me engano, o assalto aconteceu no final de 2002...

– Pois um dos presos naquele dia fui eu! – interrompeu Rogério agitando-se um pouco, deixando transparecer que estava ansioso para fazer a revelação. – Eu estava mais magro e usava barba, mas, olhe bem pra mim que o senhor vai lembrar!

Surpreso, Moreira tentava organizar as idéias e pensar em como deveria agir diante daquela situação. Não lhe havia passado pela cabeça que aquele homem simpático e bem vestido pudesse ser um assaltante de bancos. Enquanto olhava para Rogério, detalhes do caso vieram-lhe à memória. Os três assaltantes haviam sido surpreendidos pela polícia quando ainda estavam dentro da agência bancária, houve tiroteio e um deles morreu; os outros dois foram presos. Próximo ao banco, a polícia prendeu um quarto homem, que dirigia o carro que seria utilizado na fuga. Qual deles seria o que estava agora à sua frente...? Esses pensamentos passaram pela mente de Moreira em poucos segundos e sua atenção logo voltou para a situação em que se encontrava: dentro de um carro, com três estranhos – possivelmente assaltantes – sendo que já havia condenado pelo menos um deles à prisão. Era inacreditável que houvesse ido parar ali. Precisava manter a calma e agir com cautela.

– Sim, agora estou lembrando – disse Moreira com a voz pausada. – Mas pela fisionomia é difícil... Como é mesmo o seu nome?

– Meu nome é Rogério, doutor. Rogério Soares Bastos. Sendo que o pessoal me chamava mais era de Rogério Sorriso...

O quebra-cabeças da memória de Moreira ia sendo montado. Rogério Sorriso. Sim, era esse o nome de um dos réus naquele processo. A defesa insistiu que ele nada tinha a ver com o assalto e que estava apenas passando por ali. Mas, como ele já respondia a outros dois processos por roubo e um por homicídio, era pouco provável que sua presença no local fosse mera coincidência, ainda mais estando ao volante de um carro parado quase em frente ao banco, bem na hora do assalto. Rogério Sorriso. Nome estranho para alguém capaz de pegar em armas e fazer assaltos. Um policial havia comentado que Rogério tinha esse apelido por causa de um tique nervoso que o fazia parecer estar sorrindo quando ficava tenso ou irritado. Isso dava a ele uma aparência de frieza que surpreendia vítimas, policiais e até colegas da vida criminosa. Era exatamente assim que ele estava naquele momento, sorrindo.

– Sabe, Rogério – disse Moreira em tom amigável. – A vida apronta dessas surpresas. Quem diria que um dia nós estaríamos aqui, falando sobre essas coisas, depois de ter assistido a um jogo de futebol...? Eu não sei como está a sua vida hoje em dia, mas espero que você não tenha mais se envolvido com aquele tipo de situação...

– Qual tipo de situação? De assaltar bancos ou de ser preso?

– As duas. Para mim elas estão muito ligadas. Uma é consequência da outra.

– É verdade – concordou Rogério, novamente falando bem devagar, mas com o mesmo sorriso nos rosto. – Mas às vezes a pessoa assalta e não vai presa. Outras vezes o sujeito não faz nada de errado e é preso e condenado.

– É, acontece. E você não imagina como é difícil para o juiz ter que decidir se alguém é culpado ou inocente. São tantos depoimentos, tantas versões de como as coisas aconteceram. No final, o juiz se convence por uma dessas versões e dá a sentença, sem qualquer certeza de que escolheu a história verdadeira. Se pensar demais nisso, nem dorme – disse Moreira, expressando um antigo pensamento que de certa forma o incomodava.

– Quando me condenou, o senhor teve muita dúvida?

Apesar do tratamento respeitoso de Rogério, que continuava chamando Moreira de “senhor” e de “doutor”, aquela era uma pergunta bem desconfortável. Uma coisa é o juiz escrever a fundamentação de uma sentença, outra é explicar ao condenado – em condições totalmente adversas – as razões que levaram à sua condenação. Moreira evitou uma resposta direta:

– Não lembro se tive muitas dúvidas. Lembro que os dois homens presos dentro do banco disseram que você nada tinha a ver com o assalto. Se não me engano, foi o vigilante quem viu o seu carro parado em frente ao banco...

– Ele viu um carro vermelho, como o que eu estava dirigindo, mas não me reconheceu nem lembrava o modelo – corrigiu Rogério.

Moreira sentia-se cada vez mais pressionado e não gostava disso. Decidiu assumir mais claramente uma postura de quem não queria continuar naquele assunto:

– Não me lembro desse detalhe. Já faz algum tempo e são muitos processos... Sabe de uma coisa? Se eu lhe condenei injustamente, eu lamento, mas, de minha parte, tenho a consciência tranqüila de haver decidido de acordo com meu convencimento. De qualquer maneira, mesmo que você tentasse me convencer agora de que era inocente, isso não mudaria o que está feito. Por favor, eu gostaria de ficar no próximo ponto de táxi.

– Assustei o senhor, doutor?

– Fiquei preocupado. Do jeito que você está falando, parece que se sente injustiçado por ter sido condenado por causa daquele assalto. E eu não sei se você consegue compreender que lá, no fórum, no processo, eu era o Poder Judiciário lhe aplicando uma pena; aqui eu sou um homem, como qualquer outro. Então, o que eu decidi, está decidido, mas é claro que eu me preocupo que você tenha alguma mágoa contra mim...

– Pois, pode se despreocupar, doutor, porque eu não tenho mágoa nenhuma e não vai acontecer nada de mal com o senhor. Hoje sou um homem de Deus. Já fiz muita coisa errada na vida, mas agora pertenço a Jesus. Eu lhe perguntei essas coisas, porque a gente tem curiosidade sobre o que passa na cabeça de um juiz, mas, me desculpe, eu não queria lhe constranger.

– Você agora é evangélico?

– Graças a Deus. Para ser sincero com o senhor, no dia daquele assalto, Jesus já tinha tocado meu coração. Mas, eu tinha prometido para os meninos que faria a *ação* com eles, e não sou homem de duas conversas, então eu combinei com eles que não entraria no banco. Foi por isso que fiquei no carro, só para dar apoio na hora da fuga. Depois que fui preso e o senhor me condenou eu fiquei pensando: “Ó, Senhor! Agora que eu me arrependi dos meus erros é que vem o castigo!”. Mas, Deus foi bom comigo e eu só fiquei preso oito meses. Ó glória!

– Oito meses? Mas sua pena foi mais que isso, não?

– Foi muito mais. Mas meu advogado apelou da decisão do senhor e o tribunal me absolveu por falta de provas. O advogado me explicou que o tribunal estava certo, porque não havia mesmo prova de que eu estava envolvido. Só que, para mim, quem mudou minha pena foi Jesus, que me perdoou e me deu essa oportunidade de trabalhar no Ministério dele. Hoje, graças a Deus, sou pastor há mais de dois anos e tenho ajudado muita gente. Os meninos aí – disse Rogério, apontando para os rapazes que iam no banco da frente – deixaram o tráfico e hoje trabalham comigo lá na igreja. Aleluia!

– Não são seus seguranças? – interessou-se Moreira.

– Eles fazem de tudo um pouco, inclusive minha segurança. Afinal, não é porque a gente muda de vida que se livra dos inimigos do passado. E também houve umas divergências entre as lideranças lá da igreja que... Deixa pra lá, isso é outra história. Olhe ali, doutor! Tem um posto de táxi em frente àquele supermercado!

Minutos depois, Moreira agradecia a carona e desembarcava, para tomar o táxi. Enquanto se afastava da camioneta, olhou para trás e viu Rogério erguer o polegar e dizer:

– Doutor, domingo que vem estaremos lá de novo! Vamos ser campeões!

Moreira também levantou o polegar, como se concordasse, embora já soubesse que não iria à final do campeonato. No domingo seguinte, acompanhou pelo rádio a vitória que deu ao Estrela Futebol Clube mais um título de campeão estadual. Estava decidido a jamais voltar a frequentar estádios de futebol.